

DPF garante que erradicou o epadu

COELI MENDES
Enviada especial

IAUARETÊ, AM — Depois de erradicar mais de 1,2 milhão de pés de epadu em cinco regiões do Estado do Amazonas, a Polícia Federal considerou oficialmente exterminada a cultura, patrocinada pelos traficantes colombianos em território brasileiro para a fabricação de pasta-base para o refino de cocaína. O anúncio foi feito ontem pelo Diretor do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, que participou do final da ação, acompanhado de seus delegados, nesta distante localidade do Amazonas, a 1.300 quilômetros de Manaus.

— E o presente de Natal da Polícia Federal aos brasileiros: a impossibilidade de os traficantes de qualquer cartel da cocaína penetrarem em território brasileiro — disse Tuma, numa reunião com oficiais do Exército no QG do Projeto Calha Norte.

Uma equipe de pára-quedistas do Grupo Especial do DPF, treinada durante oito meses, partiu de Manaus para saltar sobre os laboratórios clandestinos instalados na selva, localizados graças a um informante. Segundo o Delegado Marco Antônio Cavaleiro, da Divisão de Repressão aos Entorpecentes (DRE) e um dos coordenadores da operação, os traficantes estavam se utilizando das vias fluviais para construir rústicos laboratórios na floresta. Na falta das matérias-primas básicas — o éter e a acetona —, usavam até querosene e gasolina para o refino da cocaína.

O Diretor da DRE, Paulo Magalhães, disse que a Operação Poraquê (a terceira realizada na Amazônia depois das Operações Neblina, em 1987, e Marubu, ano passado) fechou o cerco ao cultivo do epadu e à penetração do narcotráfico e do grupo guerrilheiro M-19, da Colômbia, também ligado aos traficantes. Tuma anunciou, também, que operações preventivas serão realizadas na região pelo menos a cada três meses, para manter o trabalho policial consolidado na área.

O final da Operação Poraquê foi acompanhado pelos policiais John Hughes e David Hubby, do Drug Enforcement Administration (DEA) — órgão do Governo americano que combate o narcotráfico —, e Tony Pereira Writer, da Real Polícia Montada do Canadá, um descendente de portugueses. No relato feito aos oficiais, o Delegado Cavaleiro disse que a presença das forças de repressão na Amazônia está conseguindo neutralizar o crime organizado. Como exemplo, ele disse que, só este ano, foram apreendidos 600 quilos de cocaína que seriam transportados para a Europa em tonéis de óleo de copaíba — remédio usado pelos nativos.

Cavaleiro ressaltou que o êxito das operações está sendo possível graças ao trabalho conjunto desenvolvido pela DRE com oficiais das Forças Armadas do Amazonas, do Nordeste, de Mato Grosso e de Brasília. Para proteger a região do narcotráfico colombiano, o DPF vai adquirir do Governo inglês sofisticados equipamentos portáteis de comunicação, em substituição ao arcaico sistema de radiotelegrafia por Código Morse.



O Delegado Romeu Tuma, Diretor Geral do DPF, corre numa clareira onde havia plantação de epadu na Amazônia

Guias indígenas ajudaram a descobrir plantações

IAUARETÊ, AM — A Operação Poraquê começou há pouco mais de um mês, com o envio de 130 homens, divididos em equipes, que atuaram principalmente no Rio Negro e nas florestas que margeiam os Rios Tiquié, Papuri e Uaupés, na região de Cabeça do Cachorro, cujo desenho é visível no mapa. Esses homens, acompanhados de guias indígenas,

visitaram 49 localidades, erradicando 126 plantações, num total de 1,2 milhão de pés arrancados e queimados. Esse sistema impede o florescimento do epadu, que se reproduz com facilidade e pode ser colhido até três vezes ao ano.

Nos dois últimos anos, durante as Operações Neblina e Marubu, foram

exterminados mais de sete milhões de pés. A novidade da última operação foi a localização de extensas plantações de maconha às margens do Rio Negro, cultura nova na região, segundo a Polícia Federal. Com a limpeza da área, o Delegado Romeu Tuma disse que o epadu voltará a ser plantado e utilizado unicamente em rituais indígenas.

Antes, tribos auxiliavam traficantes colombianos

IAUARETÊ, AM — O êxito da Operação Poraquê no Amazonas deve-se, principalmente, aos cerca de seis mil índios das 12 tribos que habitam a região. Em 1987, quando a Polícia Federal desencadeou a primeira operação, Neblina, os indígenas eram os principais colaboradores dos traficantes colombianos no plantio de epadu. Em troca, eles ganhavam barco a motor, roupas, bebidas e alimentos, mas também eram introduzidos no uso de cocaína. Com a implantação do Projeto Calha Norte, até hoje criticado pelas missões indígenas, o Exército começou a prestar assistência social às tribos, auxiliado pela Polícia Federal e por médicos do órgão, que, este ano, acompanharam a Operação Poraquê.

O resultado é que, segundo dados do DPF, nas duas operações anteriores foram eliminados mais de sete milhões de pés de epadu, e nos últimos 20 dias este número foi reduzido para 1,2 milhão. Para a Polícia Fede-

ral, menos epadu apreendido significa menos epadu produzido.

A crítica do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), representado na região pelo padre Miguelito (que se ausenta durante as operações do DPF e do Exército), se refere principalmente à militarização imposta pelo Projeto Calha Norte aos indígenas. Os militares respondem que livraram as tribos dos traficantes colombianos e que os índios agora têm assistência médica.

As Forças Armadas e a Polícia Federal, em contrapartida, contam com o apoio das freiras do Convento Carmelita de Iauaretê e do irmão Guilherme, um leigo que está há mais de 30 anos na área. Aparentemente, os índios se acostumaram ao uso do uniforme de guerrilha, mas se recusam a calçar as pesadas botas militares, no que foram atendidos. São eles que se revezam 24 horas na guarda ao Rio Papuri, que separa o Brasil da Colômbia, munidos de binóculos e metralhadoras. Os profissionais de

saúde requisitados pela Polícia Federal — o médico José de Souza Flávio, o dentista Adson Emanuel do Nascimento e o enfermeiro Francisco Martins, todos de Brasília — descobriram que 80 índios da tribo dos Macus — cuja aldeia fica a cinco minutos de Iauaretê, de helicóptero — estão sendo exterminados pela tuberculose.

O dentista Adson chega a fazer até 60 extrações dentárias por dia nos índios. Nessa perdida localidade interiorana, praticamente uma área militar comandada pelo Tenente André Schroeder, do 1º Pelotão Especial de Fronteiras (PEF), a comunicação com o resto do Mundo é feita pelas asas dos aviões da Aeronáutica.

— Recebemos as revistas semanais com três semanas de atraso, mas é nosso único meio de saber o que está acontecendo lá fora — conta Cássia Schroeder, mulher do Tenente André, uma curitibana fascinada com a vida na selva e que dá aulas aos indígenas, como voluntária.